

**EDVALDO PEREIRA
LIMA: mentor de uma
proposta
transdisciplinar**

EDVALDO PEREIRA LIMA: mentor
of a transdisciplinary proposal

EDVALDO PEREIRA LIMA: Mentor
de una propuesta
transdisciplinaria

Fabiano Ormaneze^{1,2}

RESUMO

Este trabalho utiliza o método da história de vida e a pesquisa bibliográfica para abordar a trajetória e a contribuição de Edvaldo Pereira Lima na constituição do campo teórico do Jornalismo Literário no Brasil e seus desdobramentos diante da perspectiva transdisciplinar proposta pelo, hoje, professor aposentado da USP. Aborda três aspectos: a vida, a obra acadêmica – artigos e livros de cunho teórico – e a produção jornalística, composta, sobretudo, por livros-reportagem. Apresenta também breve histórico da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) e do curso de especialização pioneiro na área.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo literário; história de vida; Edvaldo Pereira Lima; livro-reportagem; transdisciplinaridade.

¹ Doutorando em Linguística pela Unicamp. Mestre pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor), especialista pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), jornalista pela PUC-Campinas, onde foi também professor de Jornalismo Literário entre 2008 e 2017. Professor da UniMetrocamp e da Escola de Extensão da Unicamp. Orcid: 0000-0003-1626-0299.

² Endereço de contato do autor: Rua Sales de Oliveira, 1661, Vila Industrial, Campinas (SP), Brasil. CEP: 13035-500. E-mail: ormaneze@yahoo.com.br.

ABSTRACT

This paper uses the method of life story and bibliographical research to approach the trajectory and contribution of Edvaldo Pereira Lima in the constitution of the theoretical field of Literary Journalism in Brazil and developments thereof in view of the transdisciplinary perspective proposed by the now retired professor of USP (University of São Paulo). It addresses three aspects: the life, academic work - articles and books of a theoretical nature - and journalistic production, composed mainly of nonfiction books. It also presents a brief history of the Brazilian Academy of Literary Journalism (ABJL, acronym in Portuguese) and the pioneering specialization course in the area.

KEYWORDS: Literary journalism; life story; Edvaldo Pereira Lima; nonfiction book; transdisciplinarity.

RESUMEN

Este trabajo utiliza el método de la historia de vida y el estudio bibliográfico para abordar la trayectoria y la contribución de Edvaldo Pereira Lima en la constitución del campo teórico del Periodismo Literario en Brasil y sus desdoblamientos delante de la perspectiva transdisciplinaria, propuesta por el hoy profesor jubilado de la USP. Aborda tres aspectos: la vida, la obra académica - artículos y libros de cuño teórico - y la producción periodística compuesta, sobre todo, por libros reportaje. Presenta también breve histórico de la Academia Brasileña de Periodismo Literario (ABJL) y del curso de especialización pionero en el área.

PALABRAS CLAVE: Periodismo literario, historia de vida, Edvaldo Pereira Lima, libro reportaje, transdisciplinaria.

Recebido em: 19.07.2018. Aceito em: 19.08.2018. Publicado em: 08.10.2018.

“O jornalismo literário não é a forma de jornalismo mais popular, nem a mais constante. Tampouco, é o estilo dominante na imprensa. Como não é o maior, resta-lhe ser diferente.”

Edvaldo Pereira Lima, *Jornalismo Literário para Iniciantes* (2014, p. 9)

Essa história dá muitos livros

Toda pessoa no Brasil que, em algum momento de sua trajetória acadêmica, deparou-se com a expressão “Jornalismo Literário”, não passou incólume a um nome. Numa citação que seja, estará lá o autor de um dos principais livros da área: *Páginas Ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, cuja quarta edição, revista e ampliada, foi publicada em 2009. Toda biblioteca ou bibliografia de disciplina que aborde o assunto também menciona o livro.

Mas este texto não tem o papel de ser uma resenha da obra, tampouco uma análise de sua importância, o que já foi feito por diversos pesquisadores. Este perfil é para dizer o quanto a história de Edvaldo Pereira Lima daria muitos livros, muito mais do que os 15 já publicados por ele, sem contar os artigos e capítulos em revistas e coletâneas, no Brasil e no Exterior. Assim, este artigo, escrito em formato de perfil, poderia ser chamado de metalinguagem: é a história de alguém que dedicou a carreira às histórias de vida.

Muitos livros poderiam ser escritos sobre essa trajetória porque, seja do ponto de vista teórico ou pessoal, a biografia de Edvaldo é múltipla e com muitas transformações. Nascido em Columbia, distrito de Apucarana (PR), ele já morou em cerca de uma dezena de cidades. Da terra natal, saiu cedo, ainda bebê. Com os pais, Martinho (ou Seo Martins, como era conhecido o pequeno

comerciante) e Isabel, dona de casa, além de três irmãos, Edson, Elizabeth e Eliane, passou por Curitiba (PR), Campo Mourão (PR), Feira de Santana (BA), Pirai (RJ) e Três Marias (MG). Apesar de tantas mudanças e andanças, a vida da família era também marcada por uma lembrança triste. Seo Martins e dona Isabel moravam na Bahia, antes de se mudarem para o Sul. No caminho, a segunda filha que o casal tivera, Noêmia, não resistiu à travessia de barco pelo Rio São Francisco e morreu aos cinco meses.

Na melhor tradição mineira, Três Marias o presenteou com a oportunidade de se tornar cidadão do mundo. Aos dez anos, uma voluntária do Programa Corpo da Paz, Ann Iodice, norte-americana de 28 anos, vinda de Boston, ficou pouco menos de dois anos na cidade como professora de inglês. “Ela era jovem, moderna, cosmopolita, antenada com o mundo. Falava de astronáutica, ciências, artes, Hollywood. Logo se tornou um símbolo de mãe, de mulher, de sonho, de ideal”. (MARTINEZ, 2010, p. 139)

O convívio com a voluntária e o contato que começou a ter, nesse mesmo período, com a revista *Realidade* trouxeram a Edvaldo novas perspectivas. O adolescente começou a pensar no futuro. Imaginou-se sendo piloto, mas descobriu que a miopia o impediria. Foi então que ganhou do prefeito de Três Marias um livro sobre o que significava ser jornalista. Ao mesmo tempo, lia a revista e se imaginava fazendo exatamente o que muitos dos repórteres faziam: viajavam, conheciam o mundo e escreviam sobre os povos. Trabalhou na prefeitura da cidade, fez teatro amador e pensou também que poderia se tornar escritor.

As vivências pelo mundo começaram aos 17 anos, quando ele foi convidado para passar um tempo com Ann e o marido, Joe, em San José, capital da Costa Rica. Naquela época, auge da ditadura militar no Brasil, com o Ato Institucional n. 5 reprimindo com toda força, passou também um tempo em

Boston, nos Estados Unidos, com os pais da voluntária. Tornou-se fluente em inglês e em espanhol. Como Ann e Joe eram responsáveis pelo jornal da comunidade estadunidense em San José, Edvaldo também escreveu, durante essa estada, os primeiros textos dele para um periódico.

Nos Estados Unidos, entrou em contato com a contracultura, movimento de vanguarda e de resistência. Nesse contexto, estava algo a que, anos depois, Edvaldo se dedicaria a estudar, o movimento do *New Journalism*, do qual pertenceram jornalistas como Tom Wolfe, Truman Capote, Joan Didion e Gay Talese, referências para o Jornalismo Literário. Parecia que tudo estava escrito. E, de fato, estava... com muita criatividade.

Quando voltou ao Brasil, em 1970, aos 19 anos, o jovem foi para Brasília (DF), onde começou a trabalhar na Varig, a primeira e uma das principais empresas aéreas do País, em atuação entre 1927 e 2006. Mesmo sendo um funcionário da loja da empresa, a veia jornalística o fez produzir, com a ajuda de colegas, um jornal interno para a companhia. Eventualmente, ainda escrevia contos para a publicação.

Em 1971, chegou a São Paulo. Pedira para ser transferido. Na capital paulista, vislumbrou cursar Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero. Contudo, ainda não era junho quando descobriu que teria de esperar até o final daquele ano para prestar o vestibular. Em compensação, soube que a Faculdade de Turismo Morumbi (hoje Universidade Anhembi-Morumbi) fazia processo seletivo semestral. Percebeu que essa poderia ser uma boa opção de carreira ou, pelo menos, estaria mais próximo de conjugar dois verbos que lhe expressam paixões: escrever e viajar.

A formatura foi em 1975 e, na sequência, foi convidado pelo próprio dono da faculdade para cuidar da comunicação interna da instituição e lecionar

Redação no mesmo curso em que se graduara. Aceitou e descobriu também outro destino: as salas de aula.

De aspirante a mentor

Edvaldo – ou Ed, como lhe chamam os mais íntimos – havia sido aluno da professora Sarah Bacal, que, além da Morumbi, lecionava na Universidade de São Paulo (USP). Ela sugeriu a ele que cursasse uma pós-graduação em Comunicação. Indicou-lhe, inclusive, quem deveria procurar como orientador. Em 1978, Edvaldo começou o mestrado na Escola de Comunicação e Artes (ECA), onde depois faria também o doutorado e da qual passaria a integrar o corpo docente a partir de 1986. A orientação, tanto da dissertação quanto da tese, foi de Francisco Gaudêncio Torquato, exatamente como a antiga mestra lhe propusera.

Numa das férias, Edvaldo foi para a Índia e entrou em contato com Bhagwan Shree Rajneesh (1931-1990), ou somente Osho, como ficou conhecido um dos principais líderes espirituais do mundo. Era a entrada noutra assunto que passou a fazer parte da vida e, depois, notável na obra de Edvaldo: a ligação com a espiritualidade. Elementos que iam sendo anexados à trajetória dele e que, mais tarde, apareceriam como tônicas em sua perspectiva teórica.

Aos poucos, Ed largou as atividades como professor e o emprego na área de aviação. A essa altura, já havia passado por outras empresas, como Alitalia e Aerolíneas Argentina. Queria se dedicar à escrita da dissertação de mestrado, intitulada *O jornalismo impresso e a teoria geral dos sistemas: um modelo didático de abordagem*. Desse trabalho, sairia também o primeiro livro lançado no Exterior. A dissertação foi publicada no México, pela editora *Trilhas*, em 1991. “A Teoria Geral dos Sistema (TGS) permite reconceituar os fenômenos em uma abordagem global, permitindo a inter-relação e integração de assuntos

que são, na maioria das vezes, de naturezas completamente diferentes” (MARTINEZ, 2014, p. 70).

A sequência da defesa, em 1982, foi um período de efervescência. Embora mestre em Ciências da Comunicação, ainda não era oficialmente jornalista. Assim, Edvaldo ingressou no então chamado Instituto Metodista de São Paulo (hoje Universidade Metodista de São Paulo) para cursar Jornalismo. Ao mesmo tempo, tornou-se repórter e, depois, editor da revista *Panrotas*, especializada em turismo.

Em 1984, enquanto ainda finalizava essa segunda graduação, iniciou o doutorado na ECA. Os seis anos seguintes, a que se dedicaria à escrita da tese, foram também um período de mudanças profissionais e pessoais. Nesse ínterim, Edvaldo tornou-se professor da ECA em 1986, tornou-se assessor de imprensa de uma empresa de turismo e viagens, além de escrever para revistas de aviação.

Com a tese, o nome de Edvaldo passaria a ser associado ao estudo e à pesquisa em torno de temáticas como o livro-reportagem e o Jornalismo Literário. E, nesse período, o trabalho do turismólogo-jornalista-professor foi teórico-prático. Enquanto pesquisava, escrevia seu primeiro livro-reportagem, *Colômbia Espelho América*, que saiu em 1989, em coedição entre as editoras da USP (Edusp) e a Perspectiva. Nesse livro, já está clara a relação entre Jornalismo e Literatura tão profícua na obra de Edvaldo dali em diante. Um dos objetivos da produção do livro-reportagem foi justamente comprovar que o modelo narrativo estudado para a tese tinha aplicação prática. Foi uma forma de testá-lo, enquanto era desenvolvido.

O livro é uma narrativa de viagem pelo país vizinho, refazendo os passos do escritor Gabriel García Márquez (1927-2014), o predileto de Ed. São costumes, histórias, tradições, personagens, lugares. A proposta trazia, contudo,

uma provocação. Aproximava-se a comemoração pelos 500 anos da chegada de Cristóvão Colombo, mas Edvaldo se incomodava com o fato de que, por mais que fizesse fronteira com 11 dos 13 países da América do Sul, o Brasil pouco conhecia os vizinhos. Da Colômbia, só chegavam notícias sobre narcotráfico e guerrilha. Esgotado ao longo da década seguinte, em 2013, o livro ganhou uma nova edição, pelo *Clube dos Autores*, plataforma de publicação autônoma e independente, pela qual Edvaldo já lançou dez obras, algumas inéditas e outras reedições.

A tese foi defendida em 1990, com o título de *O livro-reportagem como extensão do jornalismo impresso: realidade e potencialidade*. Em 1993, pela Editora da Unicamp, foi publicada a primeira edição do livro oriundo desse trabalho. Trata-se de *Páginas Ampliadas*, que já recebeu outras três edições: em 1998, pela mesma editora, e depois em 2004 e 2009, pela Manole. Na mais recente, ganhou capítulo inédito, dedicado a novos conceitos, à transdisciplinaridade e às perspectivas de futuro.

O doutoramento foi responsável, entre outros avanços, por fazer a primeira taxionomia de livros-reportagem. Edvaldo conseguiu listar 13 possibilidades, sem deixar de dizer que outras tantas podem surgir a partir da flexibilidade esperada e possível a esse tipo de publicação. Flexível e livre, inclusive, são duas palavras que definem bem a abordagem do livro-reportagem como compreendido por Edvaldo. Um capítulo inteiro de *Páginas Ampliadas* se dedica a falar desse tipo de publicação pela perspectiva não só das liberdades concedidas a um autor (tema, angulação, fontes, tempo, abordagem e propósito), como também sobre a captação e o texto, dotados de artifícios que extrapolam o relato mecânico das reportagens da imprensa cotidiana.

Ainda decorrente da tese, em 1993, foi lançado o livro *O que é livro-reportagem*, da editora Brasiliense, pertencente à coleção Primeiros Passos. Logo nas primeiras páginas, nota-se o fascínio presente até hoje toda vez que Edvaldo começa a falar sobre o tema: “É exatamente essa peculiaridade – de avançar as fronteiras do jornalismo para além dos limites convencionais que ele próprio se impõe – que transforma o livro-reportagem num produto cultural fascinante” (LIMA, 1993, p. 07).

Nessa época, por um curto período, o jovem doutor assumiu também a assessoria de imprensa da empresa aérea Vasp, prova de que o amor pela aviação nunca foi dissipado. Já professor da USP, carreira consolidada, oferecia disciplinas, tanto na graduação quanto na pós, voltadas à discussão do Jornalismo Literário. Com isso, Edvaldo formava uma legião de pesquisadores e jornalistas que não só levavam a discussão à frente e faziam o campo crescer, como também se tornavam escritores e autores de livros-reportagem. Foram 23 trabalhos de conclusão de curso orientados, além de nove dissertações de mestrado e cinco teses de doutorado.

Após alguns namoros – ora longos, ora nem tanto –, em 1994, aos 43 anos, Ed começou um relacionamento com a psicóloga jungiana Lucy Coelho Penna, presença constante na mídia, referência na área. Em 1998, casaram-se oficialmente.

Professor-autor, jornalista-escritor

Para Edvaldo, a década de 1990 foi profícua em produções, tanto acadêmicas – são artigos, capítulos e livros –, quanto jornalísticas. Em 1995, por exemplo, lançou *Ayrton Senna: Guerreiro de Aquário* (Editora Brasiliense), um

ensaio pessoal sobre a vida do piloto de Fórmula 1, morto em 1º de maio do ano anterior, num acidente durante a prova de Ímola, na Itália.

Como se espera do gênero no qual foi enquadrado, o livro é um misto de narrativa e reflexão em que o autor associa alguns temas que passaram a ser recorrentes em suas obras e aulas. Ali encontra-se uma reflexão sobre a vida do piloto, a partir de uma abordagem que envolve astrologia, campos morfogenéticos, psicologia jungiana, jornada do herói, intuição, visualização ativa e teoria dos hemisférios cerebrais. Uma versão ampliada da obra está disponível também pelo *Clube dos Autores*, em dois volumes, e foi publicada em 2009, sob o título de *Ayrton Senna: herói de um novo tempo*. Nessa versão, está um detalhado relato – com muitas histórias de vida – de pessoas que foram beneficiadas com as ações do Instituto Ayrton Senna, fundado em 1994 e gerido pela irmã do piloto, com foco em desenvolvimento humano de crianças e adolescentes pobres.

Além desses e das duas obras teóricas, que passaram a ser adotadas em cursos de Jornalismo pelo Brasil afora, na década de 1990 Edvaldo organizou três livros, todos com abordagem transdisciplinar. Em 1994, chegaram dois: *O Tao entre nós* (Editora Com-Arte) e *Retratos da Baía* (Editora Faperj). Em 1996, foi a vez de *Econautas, Ecologia e Jornalismo Literário Avançado* (Editora Ulbra). Nesse último, está o princípio de uma abordagem que vai além da reportagem e do estilo esteticamente desenvolvido de linguagem. É a origem de uma proposta conceitual e metodológica, de abordagem transdisciplinar, que estará completamente formatada e explicada na quarta edição de *Páginas Ampliadas*. Como propósito, está a busca por uma atualização frequente da prática do Jornalismo Literário, acompanhando a evolução e os desafios que os novos tempos e as novas formas de comunicação trouxeram:

Estamos nesse século XXI diante de concepções novas de realidade que precisam ser incorporadas à prática da narrativa criativa de não-ficção. Caso contrário, aos poucos, a modalidade correrá o risco de ficar obsoleta. Uma das funções que desempenha é traduzir narrativamente conhecimentos complexos, tirando-os do campo exclusivo dos especialistas, universalizando-os. Para continuar a manter esse papel, precisa renovar-se. Minha proposta nessa direção é o Jornalismo Literário Avançado, que integra, em síntese, contribuições de distintos campos de conhecimento, alavancando um novo conjunto de paradigmas para a compreensão do real. (LIMA, 2009, p. 439)

Para esse desafio, Edvaldo propõe cinco pilares. O primeiro é a transdisciplinaridade, que “concebe a realidade como sendo complexa, não enquadrável em esquemas simplistas e lineares de entendimento” (idem, p. 440). O segundo é a física quântica: “Tudo o que vemos pronto e acabado, no mundo material, pode ter se iniciado, como probabilidade, no mundo sutil das energias que não vemos, mas cujos efeitos testemunhamos” (idem, p. 441). Depois, vem a contribuição da teoria dos campos morfogenéticos, que “mostra a conexão não racional entre seres de uma mesma espécie” (idem, p. 441). A psicologia humanista de Carl Gustav Jung e Roberto Assagioli também está nas bases, ao mostrar a existência do inconsciente coletivo. Por fim, o Jornalismo Literário Avançado usa os conhecimentos da mitologia, particularmente do modelo da Jornada do Herói, que Edvaldo adaptou para a escrita de histórias de vida.

Ainda na esteira das publicações da década de 1990, está o capítulo *Da escrita total à consciência planetária*, do livro *Criatividade e Novas Metodologias*, organizado por Carlos Henrique Brandão e Cristina Alessandrini

(Editora Fundação Petrópolis). Por lá, estão algumas das bases da escrita total, que, anos mais tarde, ganharia um livro exclusivamente dedicado ao assunto.

Múltiplo e único

Edvaldo parece ser muitos, pois divide-se, gosta de partilhar. Em 1996, assumiu também a coordenação do curso de Comunicação Social na Universidade de Uberaba (Uniube), onde implantou uma proposta curricular focada na transdisciplinaridade e com práticas voltadas ao estudo e à produção de histórias de vida. Permaneceu à frente do curso até 2004. Foi lá que a adaptação da Jornada do Herói para o Jornalismo foi testada por uma de suas orientandas e hoje pesquisadora na área, Mônica Martinez³.

“A Uniube transformou-se num laboratório informal do que estávamos pesquisando e teorizando na USP” (LIMA, 2009, p. 417). Como ele mesmo relata, a instituição foi um espaço de grande formação de novos professores: “Docentes que participaram do projeto Uniube continuaram a produzir conhecimento enquanto cursavam a pós na USP e, depois, alguns deles seguindo suas próprias carreiras em distintas instituições (LIMA, 2009, p. 418). Ainda enquanto estava à frente do curso no Triângulo Mineiro, Edvaldo fez também o pós-doutorado na Universidade de Toronto, no Canadá.

A prova da multiplicidade está nos projetos que Edvaldo abraçou na primeira década do século XXI, mesmo ao se aposentar pela USP em 2006. Um ano antes, tornou-se professor-visitante em duas instituições europeias, a Universidade de Florença e a Universidade de Londres. Em ambas, ministrou aulas em cursos de pós-graduação. Outra experiência internacional ocorreria

³ Os resultados, que mostram a utilidade e a eficácia do método, estão no livro “Jornada do Herói: a estrutura mítica na construção de história de vida em Jornalismo” (MARTINEZ, 2008), fruto da tese de doutorado da autora, sob orientação de Edvaldo Pereira Lima, na USP.

em 2012, quando foi convidado para lecionar na Universidade EAN, em Bogotá, na Colômbia.

Malgrado tantos projetos concomitantes, nenhum deles foi tão importante para a história do Jornalismo Literário no Brasil como aquele que começou a ser desenvolvido em parceria com outros três jornalistas: Celso Falaschi, Rodrigo Stucchi e Sérgio Vilas Boas. “Os quatro se reuniram, motivados pelo interesse comum em Jornalismo Literário, criando, em 2003, o primeiro site sobre o assunto no Brasil, o *TextoVivo* (...). O propósito era incentivar a disseminação da cultura do Jornalismo Literário fora dos campi universitários” (MARTINEZ, 2010, p. 153).

Vilas Boas havia sido orientando de Edvaldo no mestrado e, àquela altura, estava no doutorado. Falaschi era professor na PUC-Campinas, onde implantou a disciplina de Jornalismo Literário e foi orientador de uma grande quantidade de livros-reportagem⁴. Por lá, havia orientado Stucchi que, com colegas, desenvolvera, como Trabalho de Conclusão de Curso, em 2002, um site sobre Jornalismo Literário:

Como sequência natural, movidos pelo nosso interesse comum em disseminar o Jornalismo Literário pelo País, criamos em seguida um programa de pós-graduação *lato sensu* (especialização) em Jornalismo Literário, o primeiro do Brasil. Conseguimos um parceiro institucional e lançamos o curso em Campinas (SP), em 2005. Depois, criamos a ABJL – Academia Brasileira de Jornalismo Literário – como ONG, avançando o curso, junto com outros parceiros institucionais, para São Paulo, Porto Alegre, Brasília, Curitiba e Goiânia, nos anos seguintes. (LIMA, 2009, p. 420)

⁴ Celso Falaschi foi, inclusive, orientador do autor deste texto. A ele, por me apresentar ao Jornalismo Literário e ao Edvaldo, meu maior agradecimento.

A ABJL formou cerca de 500 profissionais. Além de jornalistas, passaram pelo curso interessados em escrita vindos de áreas muito distintas, como Psicologia, Física e Teologia. Em 2007, a instituição foi responsável por realizar o Seminário Brasileiro de Jornalismo Literário, que contou com a participação de alguns dos principais especialistas do mundo, como o professor Mark Kramer, da Universidade de Harvard, e a jornalista Annie Hull, do *Washington Post*. Entre os convidados brasileiros, estiveram os jornalistas Caco Barcellos e Eliane Brum.

Como entidade jurídica, a ONG foi extinta em 2013, quando os fundadores decidiram redirecionar as carreiras. Edvaldo continuou à frente do curso, agora por meio de sua empresa, a EPL, que, além de oferecer a mesma especialização pelos dois anos seguintes, passou a ministrar cursos livres, incluindo alguns a distância. Também são oferecidas mentorias e *coaching*, usando o conhecimento de psicologia humanista e narrativas transformadoras para auxiliar profissionais de escrita ou de outras áreas em busca de novos rumos ou diretrizes.

A essa altura, Edvaldo, certamente, diria que, neste texto, faltam informações sobre sua vida pessoal. A delonga e a demora talvez tenham sido causadas porque aqui há algo triste para contar. Após a aposentadoria, Edvaldo e Lucy mudaram-se para Goiânia (GO), onde ela implantou o Núcleo Junguiano do Cerrado. Em 2011, ao completar 60 anos, enviuvou. Lucy morreu no dia 26 de agosto, aos 64 anos, em razão de um câncer. Da dor, Ed fez poesia. Em 2012, lançou *Poemas para Lucy e outros amores sagrados*, pelo Clube dos Autores. Entre os "outros amores", está um poema dirigido aos jovens jornalistas literários.

Em paralelo ao desenvolvimento dos projetos da EPL, os últimos anos têm sido muito produtivos para Edvaldo. A partir de 2009, ele preferiu quase

exclusivamente lançar os livros pelo *Clube dos Autores*, que funciona no sistema *on demand*, em que os exemplares são impressos conforme as solicitações dos leitores. O primeiro da leva foi *Escrita Total: escrevendo bem e vivendo com prazer, alma e propósito*, sobre o método de escrita criativa que desenvolveu a partir da teoria dos hemisférios cerebrais.

Em 2010, Edvaldo conquista um dos Prêmios Interações Estéticas – Residências Artísticas em Pontos de Cultura, da Funarte, para um projeto que tinha como objetivo ensinar esse método de escrita para a produção de um livro com histórias de vida sobre sustentabilidade e bem-estar. O resultado foi publicado no ano seguinte, pelo mesmo sistema. *Palavras de luz* traz textos de 21 autores, entre jornalistas, professores, estudantes, um metalúrgico aposentado e uma cabeleireira.

Pela mesma plataforma, também foi publicada a biografia *Joseph Davidowicz e a Diáspora – uma vida em três continentes* (2015); *Nem sapo, muito menos príncipe – diálogo para homens e mulheres* (2016), sobre sexualidade masculina, em coautoria com o médico e sexólogo João Borzino; e *Por trás do tapete mágico* (2016), com histórias da aviação, assunto, por sinal, do qual nunca Edvaldo se estivo. Nesse período, também escreveu diversas reportagens sobre o assunto para uma revista estrangeira especializada.

A aviação foi também o tema de um livro publicado em 2014, dessa vez pela Editora Manole. Trata-se de *Maestro de Voo*, biografia do primeiro presidente da Azul Linhas Aéreas, Pedro Janot. Em 2018, enquanto este perfil era escrito, Edvaldo se preparava para o lançamento da biografia de um ex-orientando, o psiquiatra Roberto Shinyashiki, intitulada *O Mentor* (Editora Gente).

Citações, propulsões, futuro

De volta a São Paulo, Edvaldo continua produzindo. Ele é membro da IALJS (*International Association for Literary Journalism Studies*), sociedade multidisciplinar com o objetivo de incentivar a pesquisa acadêmica e o ensino na área. Em 2011, dois professores da América do Norte, John Bak, dos Estados Unidos, e Bill Reynolds, do Canadá, organizaram a coletânea *Literary journalism across the globe*, cabendo a Edvaldo o capítulo sobre a prática e a pesquisa no Brasil.

Em 2014, pela Edusp, saiu o livro *Jornalismo literário para iniciantes*, um apanhado da teoria e seus princípios. Em 2016, após a realização da conferência da IALJS em Porto Alegre (RS), publicou *O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história*, na revista *Famecos*, em dossiê que reuniu textos dos conferencistas. O artigo é uma espécie de retrospectiva sobre a própria vida, o trabalho e os desdobramentos por tantas paragens.

Enquanto escreve, pensa também em novos projetos, reinventa-se e divide o tempo com a atual companheira, Frances Rose.

E os projetos são sempre muitos, infindáveis, seja pelo gesto polissêmico das palavras, seja pelo jeito carinhoso e, ao mesmo tempo, austero da pesquisa e do ensino.

Referências

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **Páginas ampliadas** – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4 ed. Barueri: Manole, 2009.

_____. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Edusp, 2014.

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: AnnaBlume, 2008.

_____. O visionário da comunicação. In: _____. MENDEZ, Rosemary Bars. **Mestres da Comunicação**. São Paulo: Phorte, 2010, p. 131-156.

_____. Referência em Jornalismo Literário no Brasil. In: Moraes, Osvando et al. (orgs.). **Fortuna crítica da Intercom – Visionários**. São Paulo: Intercom, 2014, p. 65-84. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/2b5f387ddba0cdbaccd0899cc9aa3d0a.pdf> . Acesso em: 18 set. 2018.